

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Simone Nunes Gerhard

**INTERLOCUÇÃO ENTRE O REAL E O MIDIÁTICO:
PROPORCIONANDO DIFERENTES EXPERIÊNCIAS DIDÁTICAS
COM O SUPORTE DO USO DE TECNOLOGIAS COM CRIANÇAS
DO MATERNAL**

Santa Maria, RS

2017

Simone Nunes Gerhard

**INTERLOCUÇÃO ENTRE O REAL E O MIDIÁTICO:
PROPORCIONANDO DIFERENTES EXPERIÊNCIAS DIDÁTICAS COM O
SUPORTE DO USO DE TECNOLOGIAS COM CRIANÇAS DO MATERNAL**

Artigo de conclusão de curso apresentado ao curso de Especialização em Mídias na Educação (EaD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Mídias na Educação**.

Orientador: Fabrício Tonetto Londero

Santa Maria, RS

2017

Simone Nunes Gerhard

**INTERLOCUÇÃO ENTRE O REAL E O MIDIÁTICO:
PROPORCIONANDO DIFERENTES EXPERIÊNCIAS DIDÁTICAS COM O
SUPORTE DO USO DE TECNOLOGIAS COM CRIANÇAS DO MATERNAL**

Artigo de conclusão de curso apresentado ao curso de Especialização em Mídias na Educação (EaD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Mídias na Educação**.

Aprovado em 27 de outubro de 2017:

Orientador: Fabrício Tonetto Londero, Ms. (UFSM)

André Zanki Cordenonsi, Dr. (UFSM)

Mary Lúcia Pedroso Konrath, Ms (UFSM)

Santa Maria, RS

2017

INTERLOCUÇÃO ENTRE O REAL E O MIDIÁTICO: PROPORCIONANDO DIFERENTES EXPERIÊNCIAS DIDÁTICAS COM O SUPORTE DO USO DE TECNOLOGIAS COM CRIANÇAS DO MATERNAL¹

INTERLOCUTION BETWEEN THE REAL AND THE MEDIA: PROVIDING
DIFFERENT DIDACTIC EXPERIENCES WITH THE SUPPORT OF THE USE
OF TECHNOLOGIES WITH MATERNAL CHILDREN

Simone Nunes Gerhard²
Fabício Tonetto Londero³

RESUMO

Este artigo mostra alguns resultados sobre a pesquisa realizada junto a crianças de três turmas do Maternal de uma mesma escola pública de Educação Infantil do município de Santiago, no Rio Grande do Sul, em relação à interlocução real e midiática do processo de comunicação. Nesta oportunidade, apresentam-se reflexões referentes ao uso de recursos e mídias que proporcionem estes dois tipos de comunicação, sem e com o intermédio do uso de tecnologias. A pesquisa partiu do uso da história “João e Maria” e propôs a mesma sequência didática: história, questionamentos e atividade para todas as turmas; porém, o uso de recursos, inicialmente, foi diferenciado. O objetivo consiste em investigar como o uso de diferentes recursos e tecnologias possibilitam diferentes aprendizagens das crianças do maternal no trabalho pedagógico realizado em sala de aula.

DESCRITORES: tecnologia; mídia; mediação; criança; educação.

ABSTRACT

This article shows some results about the research carried out with children of 3 classes of the Maternal of the same public school of Early Childhood Education of the municipality of Santiago in Rio Grande do Sul, in relation to the real and mediatic interlocution of the communication process. In this opportunity, reflections on the use of resources and media that provide these two types of communication are presented, without and through the use of technologies. The research started with the use of history: John and Mary and proposed the same didactic sequence: history, questionings and activity for all classes, but the use of resources was initially differentiated. The objective is to investigate how the use of different resources and technologies allow different learning of the children of the mother in the classroom teaching work.

KEYWORDS: Technology; media; mediation; child; education

¹ Artigo apresentado no Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

² Aluna do Curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

³ Professor Orientador, Mestre, Universidade Federal de Santa Maria.

1 INTRODUÇÃO

A proposta central deste projeto consiste em fazer os instrumentos da tecnologia como delineadora das relações interpessoais não mediadas. Ou seja, construir experiências em que a comunicação se dê tanto por meio midiático, quanto por relações reais diretas. Com isso, propõe-se que, após estas experiências, o educador possa diferenciar o uso das tecnologias diante observação dos grupos.

Diante do crescente uso das tecnologias, também se faz necessário situar os alunos da Educação Infantil, primeira etapa da educação Básica, sobre o uso adequado das tecnologias e das mídias, fazendo com que eles saibam diferenciar os elementos que envolvem as diferentes formas de comunicação. Nesse sentido, auxiliá-los a reconhecer os limites e características de cada instrumento de comunicação. Não se trata de concluir qual seria o melhor ou o pior, mas de fazer com que a criança saiba que eles são diferentes, dependendo do contexto e do seu conteúdo.

Portanto, o seguinte artigo visa investigar como o uso de recursos e tecnologias possibilitam diferentes aprendizagens das crianças do maternal no trabalho pedagógico realizado em sala de aula. Em suma, tem como objetivo: pensar espaços que a criança de maternal consiga dar sentido à diferença entre relações midiáticas e relações reais diretas, direcionando ao objetivo da situação; propor a interação da criança do Maternal com diferentes recursos e tecnologias que dêem suporte a atividades didáticas; discutir o impacto que uma mesma notícia causa na criança de Maternal quando dada por um interlocutor real e quando por uma “mídia”; analisar o papel do interlocutor diante à proposta de trabalho; refletir sobre os aspectos favoráveis que as mídias podem proporcionar às crianças da Educação Infantil e analisar as contribuições que o ensino com as mídias podem proporcionar nesta fase do desenvolvimento escolar.

Na tentativa de concretizar o estudo, a opção foi trabalhar com a abordagem qualitativa. Esta “[...] parte do fundamento de que há uma relação

dinâmica entre o mundo real e o sujeito” (CHIZZOTTI, 1991, p.79), permitindo, por isso, uma compreensão mais ampla e clara sobre o objeto de investigação.

Conseqüentemente, esta proposta também objetiva que o uso das tecnologias aconteça de forma adequada e construtiva, sem que as tecnologias da informação e as mídias sociais sejam banalizadas, transformando-se em substitutos de todas as relações interpessoais diretas ou produtoras de verdades e modos de vida.

2 A MÍDIA DESDE A INFÂNCIA

Em primeiro lugar, antes de começar a discussão do artigo, temos que ter claro o que significa dois conceitos básicos, o de tecnologia e o de mídia, para entender o que virá, posteriormente, a ser explicado. Diante dos estudos, a tecnologia da informação e comunicação teve um enorme potencial no desenvolvimento das habilidades cognitivas na Educação. No entanto, tecnologia são todo e qualquer aparato tecnológico – palpável (máquina) ou abstrato (ideia) – que permite conectarmos, no tempo e no espaço, duas ou mais pessoas ou informações que sejam relevantes para os seres humanos e suas organizações sociais; enquanto mídia é o termo usado para referenciar um vasto e complexo sistema de expressão e de comunicação, essa comunicação pode ocorrer de modo direto ou pode ser mediada por outros instrumentos e artefatos (tecnologias). (Introdução em Mídias na Educação. SM. 2016).

Nos dias de hoje, é importante pensar sobre o momento em que a mídia realmente começa a atuar na mente humana e que conteúdos, de fato, levam aos seus espectadores. Maranhão, (2007, p. 34) afirma que “o aprendizado da criança começa muito antes dela iniciar o período de escolarização, podemos dizer que as situações de aprendizado teriam sempre uma história anterior”.

Primeiramente, é possível lançar a hipótese, a partir de estudos, de que a mídia começa a atuar, no que tange ao desenvolvimento infantil, mesmo

antes do nascimento da criança. Isso por que ela afetaria primeiramente os pais, nos quais introjetam ideais de filho. Para Montigneaux,

Há vários anos se observa um aumento importante do “custo da criança”, isto é, um crescimento das despesas que os adultos estão dispostos a disponibilizar para seus filhos. A partir de agora cada criança reivindica seus próprios objetos. (MONTIGNEAUX, 2003, p. 15).

Ou seja, a mídia vende o que seria uma criança perfeita ou feliz, o que levaria os pais a desejarem um tipo de filho bem antes de sua concepção. Logo, a interferência da mídia se dá tanto em âmbito coletivo, forjando a própria cultura, quanto de maneira individual, diretamente na criança. A partir de quando? Desde o seu nascimento. Isso pelo fato de que, mesmo não tendo os recursos cognitivos suficientemente desenvolvidos para captar mensagens mais elaboradas, a criança já começa a se familiarizar com determinados tipos de sons e jogo de luzes desde tenra idade. O que para Moran a aprendizagem começa,

antes de a criança chegar à escola, já passou por processos de educação importantes: pelo familiar e pela mídia eletrônica. No ambiente familiar, mais ou menos rico cultural e emocionalmente, a criança vai desenvolvendo as suas conexões cerebrais, os seus roteiros mentais, emocionais e suas linguagens. Os pais, principalmente a mãe, facilitam ou complicam, com suas atitudes e formas de comunicação mais ou menos maduras, o processo de aprender a aprender dos seus filhos. (MORAN, pag. 49, 2013)

E essa será a ponte para influências mais elaboradas em idades subsequentes, a partir de associações com momentos agradáveis, ou não, vividos anteriormente.

O segundo ponto a ser abordado, certamente é o que mais interessa ao se falar em mídias. É o cerne de sua existência. Pode-se, facilmente, concordar que a existência das mídias só tem sentido se pensadas sob a forma de mensagens. Portanto, as mensagens são o produto da mídia, seja ela televisiva ou um simples panfleto; ou, até mesmo, a embalagem do próprio brinquedo, o que muito importa ao se falar em crianças.

Sendo assim, tem-se que as mídias passam a configurar novas maneiras para os indivíduos utilizarem e ampliarem suas possibilidades de expressão, constituindo novas interfaces para captarem e interajam com o mundo.

Então, voltando ao início da abordagem, pode-se inferir que a mídia começa a atuar na mente dos pais, induzindo-os a acreditar que existe um modelo de criança, seja no aspecto estético ou no modo de ser, o que entra no campo da subjetividade. Esse movimento levará os adultos a produzirem discursos prontos sobre os filhos, o que, quando do nascimento destes, acabará por influenciar seu desenvolvimento. Devido à sutileza dessas mensagens, quase sempre tidas como algo bom, nem os pais se dão conta de que estão cerceando seus filhos com discursos que na verdade são produtos da mídia.

Já com o nascimento das crianças, esse efeito tende a ser mais intenso, pois incidirá diretamente nelas. Isso ocorrerá principalmente pelo fato de que a mídia televisiva é um recurso amplamente utilizado em nosso tempo para entreter as crianças; não que outros meios não sejam atrativos, mas é, este, o que está mais ao alcance da criança. Como para Moran,

A criança também é educada pela mídia, principalmente pela televisão. Aprende a informar-se, a conhecer – os outros, o mundo, a si mesma -, a sentir, a fantasiar, a relaxar, vendo, ouvindo, “tocando” as pessoas na tela, pessoas estas que lhe mostram como viver, ser feliz e infeliz, amar e odiar. (MORAN, p.50, 2013)

No entanto, não é plausível considerar que a mídia - manifesta por imagem ou áudio – seja alienante, pois o modo como é recebida por cada usuário pode variar. Por conseguinte, a mediação na vida das crianças deve ser assumida como papel da escola, auxiliando-as no uso das ferramentas de mídia mais adequadas. Conforme afirma Moran, que

O papel do educador é fundamental se agrega valor ao que o aluno sozinho consegue fazer com a tecnologia; e o aluno aprende mais se, na interlocução com o educador e seus colegas, consegue avançar muito mais do que se aprendesse sozinho. As tecnologias estão cada vez mais próximas do professor e do aluno, em qualquer momento; são mais ricas, complexas, atraentes. (MORAN, p. 49, 2013).

Porém, não se trata de um passatempo apenas. Essa televisão, talvez a ferramenta mais poderosa que se tenha conhecimento, uma vez que traz simultaneamente sons e imagens em movimento, também acaba fazendo parte da educação dessas crianças.

Com o passar dos anos, o vídeo ganhou uma grande abrangência, sustentando todo este processo de comunicação poderoso que é a televisão. Porém, num mundo com tantas tecnologias, o vídeo didático usado em escolas como fim pedagógico só vem a somar, sendo um meio de aprender que pode se tornar prazeroso só pelo fato de ser diferente do meio tradicional, criando possibilidades de complementar as informações. Não elimina o papel do professor; pelo contrário, ajuda a desenvolver suas tarefas principais: obter uma visão de conjunto e educar para uma visão mais crítica.

No entanto, não cabe só o destaque da mídia vídeo, mas de outros meios midiáticos que as tecnologias nos ofertam na prática educacional, como destaca-se, o áudio para atividades que ajudam a despertar a sensibilidade sonora e auditiva e também livros para a contação de história, que podem ser inseridos no contexto escolar desde a Educação Infantil.

Assim, é plausível oferecer atividades nas quais a criação e o uso de imagens, de som, de animação e a combinação dessas modalidades passem a pressupor o desenvolvimento de diferentes habilidades, de acordo com as diferentes modalidades utilizadas.

Um das maiores justificativas para o uso do rádio como ferramenta no processo de aprendizagem na escola está fundamentada pelo MEC (1998), onde este instrumento mobiliza o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos alunos, fazendo com que cada um construa sua própria realidade. Portanto, o som tem sua função no desenvolvimento da criança, pois leva a uma sensibilização auditiva, devendo ser utilizada como instrumento pedagógico nas escolas, favorecendo o surgimento de um ambiente mais lúdico, ampliando espaços de comunicação e de democratização. Elas permitem que o aluno interaja com as diversas áreas do conhecimento ao mesmo tempo, fazendo as conexões necessárias.

Outro meio que cabe destaque dentro do âmbito escolar é a literatura infantil. Ela proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e

cognitivo indiscutíveis. Segundo Abramovich (1997), quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar, de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham questões existenciais típicas da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de mobilizarem inúmeras temáticas.

Dentro deste contexto, cabe ao professor intervir e analisar no sentido de filtrar se essas mídias realmente contribuem na formação das crianças, devendo, portanto, obedecer a critérios com planejamentos objetivos.

2.1 Influências midiáticas: negativas x positivas no contexto da Educação Infantil

Foi exposto, até aqui, que a mídia exerce maciça influência sobre as crianças. Mas essas influências seriam de um todo negativas, ou há possibilidades de extrair elementos positivos dessa relação? Inicialmente, há que se conformar com uma coisa: não se pode pensar um mundo, hoje, sem a onipresença dos meios de comunicação de massa e, conseqüentemente, da mídia. Para Pacheco,

No presente, o mundo vive uma nova era, uma revolução – a técnico-industrial – advinda das novas tecnologias da informação. É uma revolução silenciosa, que veio para ficar e se caracteriza pelo desenvolvimento das telecomunicações, da informática, da automação de serviços, dos robôs, dos satélites e até dos eletrônicos usados para o lazer. Embora silenciosa, ela está possibilitando profundas transformações, que atingem a humanidade sem que esta se dê conta. (PACHECO, 2009, p.29)

Então, cabe a quem se ocupa do tema, pensá-la em seus aspectos positivos e negativos e tentar extrair, destes, modos de utilizá-la da melhor forma possível.

2.1.1 Interferências negativas

Nenhum educador responsável, em tempo algum, negaria a necessidade do lúdico na infância, da necessidade de fantasiar, o que mais se expressa no brincar livre. Liberdade não somente para o corpo, mas para a mente. Logo, uma mídia que restringe e nega a possibilidade desse exercício mental das crianças, colocando em primeiro plano o interesse comercial, como que num exercício de convencimento para que aquele sujeito deseje um determinado produto, sem dúvida terá apenas pontos negativos a seu favor. De acordo com a psicóloga Rosely Sayão

[...] crianças não são pequenos adultos. Várias consequências de tantos estímulos levam a perda precoce da infância: depressão, medo da violência e conseqüente dificuldade para conseguir autonomia compatível com a idade, dificuldade de aprender, acúmulo de informações que não se transformam em conhecimento, e, claro, a erotização precoce que provoca superexcitação à beira do incontrolável. (BLOG, Mundo Da Mulher).

Outro fator importante é que o acesso a diferentes mídias, nos dias de hoje, é extremamente fácil. Os meios de comunicação estão tão presentes em seu cotidiano, como afirma Orozco (1997, p. 32), que “na polêmica televisão *versus* crianças, mais que proibir, ralhar, ou pior, consentir pacificamente, cabe aos professores e à escola prepararem-se para assumir o papel de mediadores críticos do processo de recepção”.

Com isso, tem-se uma ampla gama de informações sendo veiculadas 24 horas por dia. O desafio que se coloca, então, é conseguir filtrar o que realmente é bom ou importante. Eventual falha nessa seleção de informações pode ser prejudicial à criança, que ficaria vulnerável a conteúdos desnecessários ou impróprios.

Há, portanto, um conjunto de tendências como aspecto negativo no desenvolvimento das crianças quanto ao uso excessivo da mídia. As exposições de vídeos violentos podem causar, pelo menos, três consequências aos receptores: aprendizagem de atitudes e comportamentos agressivos; desestabilização à violência e maior medo de ser vítima de violência; a violência contribuir para o comportamento agressivo infantil, e que esse efeito possa chegar à idade adulta (WILSON, 2000).

De outra forma, Lévy (2010) afirma que inteligência coletiva pode trazer sobrecarga cognitiva. Ou seja, a alta disponibilidade de informações e formas de comunicação também pode gerar estresse, pois acaba cortando os laços sociais com as pessoas que o cercam. Essa conduta é perigosa, visto que enfraquece as habilidades interpessoais, empobrecendo o convívio entre as pessoas.

2.1.2 Interferências positivas

De outro lado, uma mídia que não ofereça produtos acabados ou ideias pré-concebidas, que deixe espaço para a fantasia, para a construção do mundo pelo próprio espectador, essa terá uma função positiva. Vislumbra-se, aqui, uma mídia que seja mais um despertador de curiosidades, de sentidos.

Desta maneira, os meios de comunicação de massa, e em especial a televisão, que penetra nos mais recônditos cantos da geografia, oferecem de modo atrativo e ao alcance da maioria dos cidadãos uma abundante bagagem de informações nos mais variados âmbitos da realidade. Os fragmentos aparentemente sem conexão e assépticos de informação variada, que a criança recebe por meio dos poderosos e atrativos meios de comunicação, vão criando, de modo sutil e imperceptível para ela, incipientes, mas arraigadas concepções ideológicas, que utiliza para explicar e interpretar a realidade cotidiana e para tomar decisões quanto a seu modo de intervir e reagir (SACRISTÁN; GÓMEZ, 1996, p.25).

Pode-se falar, até mesmo, em compromisso social através do comprometimento com um desenvolvimento saudável das crianças. Essa seria uma característica educativa em sua forma positiva. Vale salientar que entre os aspectos positivos e negativos da mídia, o que se tem nos dias de hoje é o antagonismo entre o respeito à dignidade da pessoa humana de um lado, e o interesse comercial de outro; o primeiro respeitando os sujeitos em suas peculiaridades e necessidades básicas para se desenvolver saudavelmente, o segundo tentando inserir essas crianças no mercado consumidor. Inevitável, também, que se atribua muito da origem desse problema à falta de controle estatal sobre a mídia, um controle pautado em conhecimentos academicamente respeitados e reconhecidos.

Pontualmente, é possível apontar também que o tipo de mídia que atualmente se sobrepõe se ampara muito mais em imagens do que textos ou algo mais complexo, que exija do espectador um pensamento mais elaborado. Ou seja, um universo de imagens prontas é muito mais sedutor, uma vez que mais fácil e confortável processá-las mentalmente, do que um modelo de mensagens que requeira raciocínios mais complexos. E se o que impera é o pensamento comercial, por óbvio que provocar raciocínios e criticidade vai na contramão.

Entende-se que, para proteger as crianças, a seleção das informações que poderiam ser acessadas deve ser mais que uma eventual censura de conteúdos desnecessários. Essa seleção precisa ser dirigida também para a indicação de conteúdos construtivos, que possam se contrapor ao modelo acima, ensejando às crianças respeito à sua condição de pessoa em desenvolvimento.

3 MUDANÇA NA PERCEPÇÃO DA REALIDADE

Mas se viver sem tanta mídia se tornou impossível, o maior desafio que se coloca é como torná-la útil. Antes de tudo, é viável e indicado que sejam promovidas discussões de base entre educadores e famílias. A escola ainda é o principal meio de acesso às comunidades, visto que a frequência escolar é obrigatória já a partir de quatro anos de idade, segundo a Lei nº 9394/96.

Para Gaia (2001 apud Souza, 2013), inserir a educação midiática na educação não significa abrir mão da comunicação, mas sim acrescentar. O professor estará trazendo a realidade do aluno para dentro da sala de aula, para discutir e transformar as mídias em informação, conectando o ensino com a vida do aluno.

Sendo assim, a solução não é mágica. Mas passa pelo esforço de pensar - tanto junto aos pais quanto a todos aqueles que também de forma indireta participam da criação das crianças - sobre saídas para esse problema. Trata-se de conscientizá-los da necessidade das crianças conviverem umas com as outras, de manterem contato direto com elas, de possuírem espaços onde a criatividade possa se manifestar livremente. Para Rego,

O desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social.

Assim, o desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelo outro (outras pessoas do grupo social), que indica, delimita, e atribui significados a realidade. (REGO, 1995, p.61).

Logo, não se trata de eliminar os meios midiáticos, mas de escolher melhor, de se arriscar a limitar seu uso e o seu tempo. Entretanto, esse esforço dos educadores não pode ser esporádico, mas ser periódico, fazendo parte da política de todas as escolas, em todas as etapas do período escolar, com temática e orientações de acordo com a faixa etária do público atendido.

Mais adiante, através da conscientização sobre o uso adequado da mídia, pode-se trabalhar com projetos que visem à utilização desses instrumentos para ampliar a visão de mundo. Um trabalho que passe pela escolha de materiais de mídia ricos em conteúdo, seguido de debates sobre o que se viu, certamente implicará num exercício de pensamento que fará as crianças – também os adolescentes – a modificarem sua percepção da realidade. Por isso é relevante ter as mídias como complemento de didática.

É necessário formar professores/educadores afinados, com uma nova concepção de trabalho educativo, que tenham a capacidade de romper com a fragmentação disciplinar e avançar para outras formas de trabalho com as crianças na direção da unidade metodológica do trabalho coletivo e interdisciplinar. (FREITAS, 2003 p, 117).

Por sua vez, não se trata de trocar uma forma de ver o mundo por outra que também se torne visão de túnel. Mas de ampliar essa capacidade de percepção, tornando-a mais rica e maleável. Isso, inclusive, se refletirá na capacidade de diagnosticar e resolver problemas, e na possibilidade de termos adultos mais preparados para enfrentar os desafios que se colocarem no caminho.

4 METODOLOGIA/DESENVOLVIMENTO

O trabalho discutido foi desenvolvido numa Escola de Educação Infantil, na zona urbana da cidade de Santiago, onde eu, cursista do Curso Mídias na Educação atualmente atuo. Foi desenvolvido e observado em três turmas de Maternal II, A, B e C, com crianças de três anos, todas com as mesmas idades e números de crianças.

Nesta faixa etária, as crianças de maternal estão em pleno processo de desenvolvimento biológico, permitindo novas habilidades motoras e adaptações viso-motoras. Isso requer facilitar e estimular este processo através de material adequado a suas experiências e estimuladores de sua curiosidade. O espaço, as brincadeiras individuais ou em grupo garantem novas oportunidades para a tomada de consciência de seu corpo, dos objetos, ambiente e pessoas que rodeiam.

Então, buscou-se encontrar algumas respostas para o nível aqui relatado para minha pesquisa, a partir de uma investigação de campo, propiciando experiências na prática realizada com as crianças, utilizando-se de recursos tecnológicos da comunicação como modo de confrontação que possibilitasse o redimensionamento das relações pessoais não mediadas por instrumentos tecnológicos e também por intervenção do profissional docente diante algumas situações que foram aplicadas. Esta pesquisa teve por objetivo conseguir informações e ou conhecimento acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta ou de uma hipótese que se queira comprovar ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

Dentre os tipos de pesquisa, optamos pela:

[...] Pesquisa qualitativa que tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento (...), a pesquisa qualitativa supõe o contato do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo (...), os focos de observação nas abordagens qualitativa de pesquisa são determinada basicamente pelos propósitos específicos do estudo, que por sua vez derivam de um quadro teórico geral, traçado pelo pesquisador. Com esses propósitos em mente, o observador inicia a coleta de dados buscando sempre manter uma perspectiva de totalidade, sem se desviar demasiado de seus focos de interesse. Para isso, é particularmente útil que ele oriente a sua observação em torno de alguns aspectos, de modo que ele nem termine com um amontoado de informações irrelevantes nem deixe de obter certos dados que vão possibilitar uma análise mais completa do problema. (LUDKE & ANDRÉ, 1986, p.11,30).

Dentre os tipos de métodos na pesquisa qualitativa, optamos pelo estudo a partir das experiências obtidas em sala de aula, fazendo assim uma análise dos dados com a teoria a ser discutida. A atividade proposta nos grupos foi a partir da história “João e Maria” planejada para ambas as turmas com a mesma sequência didática: história, questionamentos e atividades; porém, os recursos para contação da história eram diferentes. Cada turma se apropriou da história com um recurso, como: contação de história (livro), áudio ou vídeo, já no primeiro momento de contato com a história. Para tanto, todas as turmas tiveram acesso ao mesmo material no decorrer dos dias, podendo, no final, fazerem uma análise, diferenciando uma história da outra.

A turma Maternal II A ouviu a história João e Maria somente com o áudio, onde as crianças foram convidadas a sentarem no tapete em um grande círculo, ficando bem próximas do aparelho de som. Nesta atividade, puderam sentir os ruídos, sensações e emoções diante à imaginação de cada um, sendo aguçada a audição e percepção diante à escuta. Após, a professora fez uma sequência de questionamentos, através dos quais se superou a expectativa nas reações faciais apresentadas pelas crianças com o estímulo sonoro.

Na turma Maternal II B, a professora contou a mesma história, fazendo também um círculo no tapete; porém, fazendo uso da contação de história por meio de livro, onde o grupo ouviu com atenção, com exceção de alguns participantes que se dispersaram durante a contação. Foi procedida a seguinte dinâmica: feita uma leitura inicial das imagens da capa do livro, partindo para questionamentos quanto ao conhecimento prévio da história frente ao grupo; em seguida, iniciada a leitura, mostrando-se as imagens correspondentes à página. Na sequência, a professora explorou a história com questionamentos, em que se teve a participação daqueles que se sentiram captados pela temática, enquanto que algumas crianças ficaram dispersas e não deram respostas alguma.

Na turma de Maternal II C, a história “João e Maria” foi apresentada em forma de vídeo, na sala destinada a este fim pela escola. As crianças apreciaram o material apresentado com bastante atenção e interesse, com todos demonstrando concentração em tempo integral. O filme era na modalidade de desenho infantil, com imagens coloridas e atrativas, com

duração de cerca de 40 minutos. Depois de concluído, a professora fez questionamentos para promover interpretação do material. Algumas crianças já conheciam a história, as quais ponderaram quanto à diferença entre aquela história e a que já conheciam; as crianças que estavam vendo pela primeira vez também conseguiram pontuar com entendimento elaborado. Frente a esta última mídia utilizada para passar a história, foi obtido retorno de quase todo o grupo, com exceção de três crianças que não responderam nada, mas que estavam atentas como as demais.

A escolha deste material, livro/áudio/filme, se deu devido ao tema que estavam trabalhando neste nível: órgãos do sentido. Assim, foi possível aproveitá-lo para a pesquisa de campo. E a história João e Maria poderia ser oferecida das três formas, propiciando uma análise dentro da proposta da pesquisa aqui desenvolvida. Na semana em que foi projetada a atividade, os planejamentos eram de minha autoria, já que atuo em umas das turmas.

Sendo assim, esta história foi usada no grupo com sequência didática para uma semana, visando ainda trabalhar os órgãos dos sentidos dentro do plano de ação da escola. A mesma história foi usada toda a semana, porém, a cada enredo tinha algo diferente; ao final da semana, foi feita uma análise observando o que cada uma trazia de diferente, já que cada turma teve acesso a todas estas formas apresentadas, mas em dias diferentes.

Cabe pontuar que cada órgão do sentido foi exemplificado: para trabalhar a audição, trabalhou-se a partir dos sons que apareciam no áudio (João e Maria perceberam que havia uma pessoa dentro da casa quando ouviram a bruxa cantando); o paladar foi abordado com uma casinha de doces montada pelos participantes, abordando a questão do doce, salgado e azedo; a visão, ao ser assistido o filme, discutindo qual órgão foi usado; e para trabalhar o tato e o olfato, foram utilizados objetos da história para as devidas explorações.

Os processos pedagógicos foram feitos de acordo com o nível da turma, sendo que não foram feitas mais atividades de registro quanto à exploração e entendimento da história devido à idade e nível que as crianças se encontram, ficando para análise do trabalho: a forma que foi apresentada a história, como

as crianças se comportaram diante cada momento, e a relação entre as crianças e sua interpretação frente aos questionamentos da professora.

Foi possível fazer o acompanhamento das três turmas perante as atividades de leitura (visual e oral) e de interpretação das mesmas, junto com a professora regente.

5 RESULTADOS

Os resultados obtidos na pesquisa de campo na escola de Educação Infantil, com a proposta da construção de experiências que se dão sob diferentes formas de comunicação, sejam elas por meios midiáticos ou por relações diretas, tiveram resultados significativos, cabendo, aqui, destacar:

Na primeira turma de aplicação da atividade, a partir de uma mídia, o áudio, percebeu-se que as crianças ficaram bem atentas a todos os sons, sendo que algumas crianças reproduziam com expressões faciais. Neste momento, as crianças puderam perceber a importância da audição, o qual era o objetivo da aula da professora. Percebe-se que nos momentos que o som representava emoções e suspense, as mesmas ficavam esperando a reação dos personagens através dos ruídos sonoros, ficando surpresas e ao mesmo tempo paralisadas na espera. Este meio ajuda na imaginação e criação de cada criança. Quanto aos questionamentos, as crianças não conseguiram identificar duas questões levantadas pela professora através do áudio, pois não tiveram discernimento para interpretar o mesmo. São elas: O que João e Maria eram um do outro? E a Madrasta, o que aconteceu com ela?

Na turma de contação de história com intervenção do professor, as crianças tiveram menos concentração na escuta, nem todo o grupo ficou ouvindo. Algumas crianças brincavam e conversavam entre si, não dando atenção alguma para a professora. Observa-se que este meio não chama a atenção de todas as crianças, deixando a desejar muito quanto aos questionamentos, que poucas crianças conseguiram. Aquelas que realmente ouviram, conseguiram dar respostas; aquelas que brincavam, mal souberam dizer o nome da história ou dos personagens que dela faziam parte. Importante destacar que a forma como a professora contou a história, sem fantoche e

muita entonação na voz, teve como objetivo evitar exageros que pudessem induzir em demasia o interesse da criança e contaminar o experimento. Porém, no dia a dia, os incrementos são de grande valia quando não se desvirtuam do conteúdo do texto.

No uso do material de mídia audiovisual, as crianças ficaram todas atentas, sem perder a concentração. Isso por que o vídeo explora o ver, o visualizar, o ter diante das situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações espaciais. Um ver que está situado no presente, mas que o interliga não linearmente com o passado e com o futuro (etapa 3, TV e Mídia). Sendo assim, viu-se que, através deste elemento, o material ficou mais atrativo e dinâmico, pois para a criança nesta faixa etária, a mídia visual leva a uma assimilação mais significativa e atrativa. É importante destacar que todos os questionamentos foram interpretados, inclusive aqueles que ficaram a desejar nas experiências anteriores.

6 CONCLUSÃO

A Educação Infantil é uma importante etapa da vida da criança, sendo nessa fase que ela desenvolve a base de muitas habilidades, reconhece a si mesma e tem os primeiros contatos com a realidade que a cerca.

Como vimos, a pesquisa realizada teve como finalidade estudar o sentido e as diferenças entre relações midiáticas e relações reais diretas, objetivando que o uso das tecnologias aconteça de forma adequada e construtiva.

De acordo com alguns resultados obtidos através da atividade de campo, pode-se observar que as três interferências, seja através de mídia ou não, interferem de forma diferente nas relações entre as crianças no momento da experiência, além de causarem reações diversas, conforme cada método utilizado para retratar a história. Fica evidente que quando a mensagem é passada através de imagem (vídeo), esta chama mais a atenção, por ter uma linguagem mais lúdica, com cores, musicalidade, temática e temporalidade, e de fácil compreensão. O vídeo desempenha hoje muitas funções no ensino,

pode tanto informar como motivar, avaliar, expressar, investigar e até ser um brinquedo, servir como diversão e entretenimento.

No entanto, não é adequado descartar nenhuma das tecnologias, pois cada uma tem seu objetivo e funcionalidade. Porém, com a intervenção pedagógica de um profissional, deve-se traçar um objetivo específico para cada uma delas. O professor pode agir no sentido de aliar as novas tecnologias às metodologias utilizadas em sala de aula, como forma de melhorar os processos de ensino e de aprendizagem.

Vive-se, atualmente, uma cultura visual, um mundo no qual as imagens estão em todos os lugares, carregadas de informação, no qual “as tecnologias não são nada sem as pessoas com capacidade de poder retirar delas os refinamentos da qualidade, e assim realizar uma orientação nova e uma visão criativa” (Andrade, 2003, p. 82). Isso leva o educador a mediar a aprendizagem diante dos meios oferecidos, inovando suas aulas e contextualizando com o meio externo à sala de aula. Dessa forma, as tecnologias de informação e comunicação funcionam como recursos dinâmicos de educação, à medida que, quando bem utilizadas pelos educadores e educandos, permitem intensificar a melhoria das práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula e fora dela.

De outra forma, foi observado nas experiências que quando não foi usada a mídia para a contação, as crianças interagiram entre si, não ficando estáticas diante da imagem real do orador e à espera do desfecho da história pela professora. As crianças conversavam e faziam o que era de seu interesse, de maneira espontânea, como brincadeiras improvisadas. Quanto à forma usada pela professora, venho destacar que não foi de maneira lúdica e criativa a contação da história; utilizou-se só a leitura, não fazendo vozes e nem gestos que pudessem buscar a atenção da criança. Logo, fica evidente a diferença de poder de captura conforme o recurso tecnológico, o que tem implicação direta na relação entre os participantes das atividades.

Como o modelo de isolamento em presença é típico na exibição audiovisual, faz-se ainda mais relevante a interferência de projetos pedagógicos no âmbito escolar no sentido de auxiliar as crianças a darem sentido à experiência presenciada, o que deve ser feito, evidentemente, com a valorização das trocas entre si.

7 REFERENCIAL TEÓRICO

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ANDRADE, Pedro Ferreira de. **Aprender por Projetos, Formar Educadores**. In: VALENTE, José Armando (org), **Formação de Educadores para o Uso da Informática na Escola**. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 2003.

BRASIL. Lei nº 9394/95, de 20 de dezembro de 1996. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação-LDB**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf> acessado em: 10 de maio de 2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: MEC**. promulgada em 5 de outubro de 1988: Disponível: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>

BLOG, Mundo Da Mulher. **Crianças não são pequenos adultos**. <http://www.mundomulher.com.br/?pg=17&sec=110&sub=119&idtexto=6815>> Acessado em: 13 de junho de 2017.

CHIZZOTTI, A. **A pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREITAS, Luiz Carlos. **Uma Pós-Modernidade de Libertação. Reconstruindo as Esperanças**. São Paulo: Autores Associados, 2003.

LEVY, P. **As Tecnologias da Inteligência**. Tradução por Carlos Irineu da Costa 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação. Abordagens Qualitativas. EPU**. 1986.

MARANHÃO, Diva. **Ensinar brincando: a aprendizagem pode ser uma grande brincadeira**. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

MORAN, J.M. MASSETO, M.T. BEHRENS, M.A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. – 21ª ed. rev. E atual. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

MONTIGNEAUX, Nicolas. **Público-Alvo: criança: a força dos personagens para falar com o consumidor infantil**. Rio de Janeiro: Negócio, 2003.

OROZCO, Guillermo. **Professor e meios de comunicação: desafios, estereótipos e pesquisas**. Revista Comunicação e Educação - São Paulo, 1997.

PACHECO, Elza. **Infância, cotidiano e imaginário no terceiro milênio: Dos folguedos infantis à diversão digitalizada.** In: -----, *Televisão, criança, imaginário e educação*. 5.ed. Campinas: Papirus, 2009.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Rio de Janeiro: Vozes. 1995.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A.I. Pérez. **Compreender e transformar o Ensino.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Fabieli. **A influência das mídias na educação infantil.** 2013. Monografia de Especialização-Universidade Tecnológica Federal Do Paraná, 2013. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4345/1/MD_EDUMTE_2014_2_36.pdf>. Acessado em 14 de junho de 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Introdução a integração de mídias na educação.** PG-E Mídias na Educação. Santa Maria, 2016.

WILSON, Bárbara et al. **A natureza e o contexto da violência na televisão americana** in CARLSSON, Ulla. Feilitzen, Cecília (orgs.). **A criança e a violência na mídia.** 2. ed – São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.